



“Se isto é um homem”

Primo Levi

A 1 de setembro de 1939, o mundo depara-se com um novo conflito militar. Estamos perante a Segunda Guerra Mundial, que dura até 2 de setembro de 1945, envolvendo a maioria das nações, inclusive as grandes potências que dedicaram toda a sua capacidade económica, industrial e científica ao serviço dos esforços de guerra. Neste conflito, aconteceram eventos marcantes, como o Holocausto e o lançamento das bombas atómicas nas cidades de Nagasaki e de Hiroxima.

Muitos foram aqueles que viveram de perto esta realidade, em que ser judeu era crime, embora não se soubesse porquê. Uma dessas testemunhas é Primo Levi, um químico e escritor italiano, nascido a 31 de julho de 1919, que ficou conhecido por ser autor de memórias, contos, poemas e novelas. Ele é personagem e autor de um romance autobiográfico, “*Se isto é um homem*”, publicado em 1947, dois anos depois de um dos maiores massacres da História da Humanidade.

A narrativa começa em 1943, ano em que o autor é preso por fazer parte da resistência contra o regime fascista. Ao ser interrogado, apresenta-se como um cidadão italiano de raça judaica. É, então, enviado para um campo de concentração no norte de Itália e, mais tarde, transferido para Auschwitz, local onde se passa grande parte do que é relatado no livro.

Da viagem de comboio, passando pelo processo aleatório de seleção de quem vive

ou morre, até aos dias de trabalho pesado, “*Se isto é um homem*” dá-nos a conhecer a realidade num campo de concentração onde se cruzam nacionalidades e línguas.

Com descrição pormenorizada, Levi mostra pedaços de pão a funcionarem como moeda de troca e uniformes roubados a serem, mais tarde, negociados para se obter uma porção de sopa. A enfermaria parece ser a única maneira de fugir ao ar sufocante, embora não fosse conveniente ter uma doença demasiado grave, já que a mesma poderia ser sinónimo de se fazer a derradeira viagem.

Ao longo das páginas, o autor transmite as preocupações de quem vive em Auschwitz e, curiosamente, estas não são heroicas, nem tão revoltadas quanto aquelas que podemos imaginar. A aceitação de uma realidade, o abandono dos sonhos e a inexistência de objetivos são um traço comum àqueles cujos pensamentos não vão muito para além da próxima refeição ou de como proteger os bens que ainda lhes restam.

O que mais nos impressionou nesta obra foi a visão otimista de Levi. Como ele próprio diz, se não chovia, sentia-se com sorte e, se chovia, recebia mais uma ração de pão, o que mostra que ele tentava sempre agarrar-se a algo que não o deixasse perder a esperança, para que conseguisse sair daquele lugar vivo.

Num dos últimos dias passados no campo de concentração, Charles e Levi, dois bons companheiros, saem do quarto para procurar comida. Quando voltam, os colegas da enfermaria partilham parte do seu pão. Levi, nesse momento, percebe que o tempo de prisioneiro tinha acabado. Estamos agora em 1945. Até àquele dia, era cada um por si, mas o gesto de partilha fez lembrar o verdadeiro significado de um Homem, do que é a Humanidade.

“*Se isto é um homem*” não é um discurso de ódio aos alemães pelas suas atrocidades (como o autor realça no segundo parágrafo da obra), muito menos um relato heroico de um sobrevivente. Este livro tem como objetivo relatar o dia a dia de um judeu, que, mesmo estando preso num campo de concentração e vendo o mundo à sua volta a desmoronar-se, continua a ter esperança de que a sua situação ia melhorar e que iria sair daquele sítio vivo, sendo assim um exemplo e uma lição de vida para todos nós.

Lúcia Filipa Marques Ferreira, 12.º A

Rui Pedro Ferreira Mesquita, 12.º B